

Capítulo XX - UM GRITO DE MULHER NA ESCURIDÃO

Eu estava me preparando para recomeçar a nadar com o firme propósito de voltar à traineira, quando algo totalmente inesperado aconteceu, contrariando a quase ausência de manifestações no entorno do Bateau: uma voz feminina, passou a gritar com muita insistência, pedindo socorro.

Eu não conseguia identificar o local exato de onde aqueles chamados estavam partindo, mas, provavelmente, a mulher, sem os problemas que prejudicavam a minha visão – devido à perda dos óculos – conseguiu me ver em movimentação próxima ao barco. Contudo, com a repetição dos seus gritos, eu pude concluir que ela se encontrava na direção de Copacabana, mas numa trajetória um pouco inclinada, no rumo dos costões do Forte do Leme, uma construção histórica incrustada na entrada da baía de Guanabara, estendendo-se até a extremidade norte da praia de Copacabana.

A voz não parecia ser a de Ana, mas na situação mental crítica em que me encontrava, eu necessitava me agarrar a qualquer fiapo de esperança. Por outro lado, a eventual decisão de atender ao pedido de socorro, representava o meu afastamento do caminho em direção à traineira, com o agravante de eu não possuir elementos para concluir quanto tempo mais a embarcação permaneceria na área do naufrágio.

O tempo passava rápido demais para quem estava vivendo aquela tragédia nas suas mais amplas dimensões. Pressionado por mim mesmo a tomar mais uma decisão diante da urgência que a situação demandava, assumi que a voz poderia ser a de Ana, modificada em seu timbre original em função do grande esforço despendido para não se afogar. E com base nessa premissa, iniciei o meu nado em direção à desesperada mulher.

Eu mal tinha me deslocado uns 10 metros, quando um novo fato surpreendente ocorreu: sem que eu notasse previamente o seu movimento, de repente entrou no meu campo de visão um grande barco. Era um veleiro que se movia pelo uso de motor, pois as velas não estavam içadas. Em seus lugares, uma fileira de pequenas lâmpadas coloridas partia da proa, passava pelo topo dos seus dois mastros e terminava na popa.

Capítulo XX - UM GRITO DE MULHER NA ESCURIDÃO

Mesmo ainda um pouco afastado, eu percebi que, no convés, estava sendo tocada em nível bem elevado uma música no ritmo axé, sucesso que se originou na Bahia. Como o barco vinha em direção à área do naufrágio, eu concluí que, enfim, um novo barco havia chegado para prestar socorro aos sobreviventes. Como a música certamente abafaria os meus gritos, parei de nadar e comecei a balançar os braços em direção ao iate, na esperança de que fosse visto por alguém a bordo, mesmo estando na penumbra.

O meu otimismo, no entanto, teve reduzida duração. Para a minha total decepção, o barco realizou uma manobra ágil para, em seguida, retomar a viagem rumo à Copacabana, dando a entender que se aproximara dos destroços do naufrágio apenas motivado pela curiosidade e para que seus passageiros testemunhassem a desgraça de dezenas de pessoas, lutando para sobreviver.

Com essa triste desilusão impressa na minha retina, retomei o meu nado em direção à mulher que intensificara o seu pedido de socorro ao me ver mais próximo, embora tenha baixado um pouco os decibéis da voz. Desesperadamente, ela dizia que estava sendo levada pela correnteza para longe do Bateau Mouche e que iria morrer. Implorava para que eu evitasse esse trágico destino.

Quando a fisionomia da mulher ficou mais bem enquadrada na minha visão, eu constatei que não se tratava de Ana. Mais uma vez, senti um forte baque na capacidade de me manter otimista naquele cenário onde proliferavam as experiências recheadas das mais profundas tristezas e lamúrias. Esgotava-se ali, certamente, a última oportunidade de encontrar Ana viva no mar.

Mesclado a esse sentimento de forte decepção, criava-se para mim, naquele momento, um perverso dilema: a poucos metros de onde eu me encontrava, uma mulher, desconhecida, clamava por um salvamento que para ela representaria a sobrevivência, diante de um risco iminente de morrer, caso fosse arremessada contra os rochedos que pareciam estar se aproximando. Por outro lado, mesmo com os fortes indícios de que não encontraria Ana na área do naufrágio, permanecia a leve esperança de que ela poderia surgir, a qualquer momento, gritando por socorro, de forma semelhante ao que acontecia com aquela mulher em desespero. Mais ainda, o desgaste físico que eu teria para levar a mulher até o Bateau, provavelmente consumiria o que restava da minha reserva energética.

Capítulo XX - UM GRITO DE MULHER NA ESCURIDÃO

Ou seja, eu precisava decidir, o mais rápido possível, se me dedicava de corpo e alma ao salvamento de uma naufraga em pânico, representada pela realidade à minha frente, ou se, me desculpando por não poder prestar o socorro, porque precisava encontrar a minha namorada, dava-lhe às costas, deixando-a à própria sorte, sendo levada pela correnteza.

Eu sabia que estava avaliando o que deveria fazer entre uma realidade, a naufraga desesperada, e uma singela hipótese: Ana ainda viva. No meu íntimo, eu precisava manter nesse jogo instantâneo de decisão, a possibilidade do reencontro com Ana, porque esse feliz desfecho representava mais do que uma expectativa otimista: afastaria um forte temor de ser obrigado a aceitar o fatídico fim que o destino parecia burilar para mim: nunca mais ver o sorriso de Ana.

Naquele momento de dúvida, veio à minha lembrança episódios perdidos no tempo, sem personagens identificáveis, sobre quantas pessoas eu prestei socorro na praia de Ipanema, desde a minha adolescência, e quase sempre ouvindo palavras sinceras e demonstrações emocionantes de agradecimentos por tê-las trazido de volta para terra firme, revertendo um processo que, para elas, parecia ser irremediavelmente fatal.

Concluí que o meu posicionamento mais correto como ser humano era prestar aquele socorro, acalmando a mulher que esperava em prantos por uma ação imediata da minha parte. Eu falei que iria levá-la de volta ao Bateau, mas que precisava que ela obedecesse fielmente às minhas orientações, sob pena de nós dois submergirmos ali mesmo, provavelmente, sem retorno à superfície. Disse que eu iria me aproximar, mas que ela não esboçasse nenhum gesto brusco com o objetivo de me agarrar.

Eu estava pronto para iniciar o salvamento. Ainda respeitando a promessa que fiz, logo depois que caí no mar, mantive-me vestido com calça, camisa e sapatos. Afinal, não era Ana a pessoa para quem eu estava iniciando os procedimentos de socorro.

Capítulo XX - UM GRITO DE MULHER NA ESCURIDÃO

Comecei, então, a me aproximar da mulher com o intuito de fazer a abordagem tecnicamente adequada para iniciar o salvamento. E para a minha surpresa, percebi que ela permanecia com a parte superior do tórax fora d'água com uma certa facilidade.

Atento a esse detalhe, examinei com mais atenção o que acontecia ao redor da naufraga, em busca de uma explicação para aquele surpreendente nível de flutuação, até fazer uma descoberta inusitada e macabra.

